

NOVOS BAIANOS NA MÍDIA

Amanda Aparecida Helena

Ana Lúcia Dias Batista

Jacqueline Guerra Calçado

Resumo do Trabalho

O trabalho tem o objetivo de apresentar a trajetória do grupo musical Novos Baianos e sua aparição nos meios de comunicação ao longo de sua carreira, apontando a importância que o grupo teve para a Música Popular Brasileira e para a cultura popular. Os Novos Baianos, grupo composto por Moraes Moreira, Luiz Galvão, Paulinho Boca de Cantor, Baby Consuelo (agora Baby do Brasil) e Pepeu Gomes, desempenharam um importante papel no avanço cultural na década de 70, seguindo o caminho do Tropicalismo, já que os maiores representantes deste movimento, Caetano Veloso e Gilberto Gil, estavam exilados do país. Eles enriqueceram a música brasileira ao misturarem ritmos da cultura popular, como o samba e o chorinho, com influências externas, como o rock de Jimi Hendrix, e o discurso anárquico de John Lennon. O surgimento da indústria cultural e as mudanças no mercado fonográfico e na mídia, ao longo das décadas de 60 e 70 transformaram a música brasileira. Os Novos Baianos participaram dessas mudanças ao mesclarem elementos da cultura popular com características da cultura pop, advinda da indústria cultural.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem o objetivo de apresentar a trajetória do grupo musical Novos Baianos e sua aparição nos meios de comunicação ao longo de sua carreira, apontando a importância que o grupo teve para a Música Popular Brasileira e para a cultura popular.

Os Novos Baianos, grupo composto por Moraes Moreira, Luiz Galvão, Paulinho Boca de Cantor, Baby Consuelo (agora Baby do Brasil) e Pepeu Gomes, desempenharam um importante papel no avanço cultural na década de 70, seguindo o caminho do *Tropicalismo*, já que os maiores representantes deste movimento, Caetano Veloso e Gilberto Gil, estavam exilados do país.

O Tropicalismo "criou uma estética cuja combinação e contrastes de elementos incluem a miséria, o passado, o desenvolvimento, a tecnologia industrial, os movimentos musicais brasileiros, o

subdesenvolvimento e a paródia. Esta última como instrumento de ridicularização da ideologia e do nacionalismo ufanista."¹

Considerados "filhos" do Tropicalismo, os Novos Baianos realizaram um trabalho de rompimento com os padrões vigentes na sociedade, tanto em termos de linguagem musical quanto de comportamento. Eles enriqueceram a música brasileira ao misturarem ritmos da cultura popular, como o samba e o chorinho, com influências externas, como o rock de Jimi Hendrix, e o discurso anárquico de John Lennon.

Cultura Popular é "a soma dos valores tradicionais de um povo, expressos em forma artística, como danças e objetos, ou nas credences e costumes gerais".²

O surgimento da indústria cultural e as mudanças no mercado fonográfico e na mídia, ao longo das décadas de 60 e 70 transformaram a música brasileira. Os Novos Baianos participaram dessas mudanças ao mesclarem elementos da cultura popular com características da cultura pop, advinda da indústria cultural.

A abordagem do tema justifica-se, pois, no estudo da contribuição deixada pelo grupo na década de 70, mostrando sua influência na música e na cultura brasileira, até hoje, por serem um dos pioneiros na mistura de vários ritmos e influências, características encontradas na música brasileira atualmente.

I - ORIGEM DO GRUPO E ACESSO À MÍDIA

Nas décadas de 60 e 70, o mercado artístico e a imprensa, no Brasil, viviam sob a censura da ditadura militar e qualquer expressão de contrariedade ao governo ou comportamento rebelde era considerado "perigoso".

Era uma época de muitas mudanças. A contracultura estava no auge e a juventude "hippie" lutava pela não-violência. Por todo o mundo estouravam movimentos estudantis, como os Centros Populares de Cultura (CPCs), que tinham por objetivo construir uma "cultura nacional, popular e democrática de esquerda".

Foi aí que começou a ser formado o novo artista, "revolucionário e conseqüente". A política efervescente fez crescer a opção pela "arte revolucionária", como um instrumento a serviço da revolução social e da conscientização das massas.

Neste contexto, o grupo musical Novos Baianos surgiu no fim da década de 60. A pensão de Dona Mariô, em Salvador (BA), foi o local de encontro de Moraes Moreira e Luiz Galvão, por intermédio do músico e poeta baiano Tom Zé

¹ Caldas, Waldenyr. *Introdução à Música Popular Brasileira*, pág. 64

² Coelho, Teixeira. *O Que É Indústria Cultural?*, pág. 21

Luiz Galvão era engenheiro agrônomo e Moraes Moreira trabalhava como bancário, mas ambos possuíam talento para a música. Moraes e Galvão tornaram-se então parceiros; Galvão escrevia as letras e Moraes compunha as melodias das músicas. Logo, juntava-se à dupla Paulinho Boca de Cantor, que já havia participado antes do conjunto *Carlito e sua Orquestra* como cantor.

Todos passaram a morar, então, na pensão de Dona Marió, onde fizeram as primeiras músicas, entre elas "Ferro na Boneca" e "De Vera".

Em julho de 1969, conheceram a banda de rock *Leif's* e seu guitarrista Pepeu Gomes. Com eles, começaram a planejar o primeiro show. Naquele mesmo dia conheceram Baby Consuelo, que também viria a fazer parte do grupo.

Em pouco tempo, realizaram o primeiro show, "Desembarque dos Bichos depois do Dilúvio Universal", no Teatro Vila Velha em Salvador, onde havia a presença de vários policiais fardados espionando. O show foi um sucesso e lotou o teatro durante os três dias, devido à criatividade do grupo ao improvisar um espetáculo rico em cenografia, dramatização, música e poesia. "Não era só um show musical. Qualquer atividade artística que quisesse crescer tinha espaço nesse show, por isso foi um show revolucionário."³ O nome do show "Desembarque dos Bichos depois do Dilúvio Universal" fazia alusão à chegada de novos seres ao planeta terra: eles próprios. No show, a saída dos integrantes e outros artistas é feita em uma nave espacial. Assim como no início, o show teve como características vários elementos alegóricos, apesar da ameaça de vários policiais.

O *Jornal da Bahia*, de 14 de setembro de 1969, publica sobre o show: "As reações em contrário apareceram. Algumas optando para que eles dessem continuidade ao trabalho que desenvolviam anteriormente - sambas e boleros - e outras contrariadas, porque os meninos fazem 'coisas semelhantes as do Gil e do Caetano', como se isso fosse mais que um pecado ou mesmo um crime."

A primeira apresentação dos Novos Baianos desagradou a algumas pessoas, mas as críticas nos jornais elogiavam o show e reconheciam o talento do grupo.

Após grande repercussão do show na Bahia, o grupo vai para o Rio de Janeiro.

Já no começo da carreira, os músicos se diferenciavam por vestirem-se de forma exótica e extravagante. "Cada um do grupo trazia, acoplado em suas roupas, adornos de peles dos mais variados animais, num clima super tropicalista e até antropológico. Os artistas plásticos davam alguns toques, mas todos, indistintamente, tinham um grau de originalidade predominante na escolha pessoal do traje."⁴

³ Luiz Galvão. Documentário Anos 70: Novos e Baianos

⁴ Luiz Galvão. *Anos 70: Novos e Baianos*, p. 32

Ainda em 1969, participaram do Festival da Record em São Paulo com a música "De Vera". Os festivais da Record foram importantes na revelação de grandes talentos como Chico Buarque, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Elis Regina e outros.

À época do momento da apresentação no festival, o grupo ainda não havia escolhido um nome para a banda. Um dos diretores da TV Record foi quem sugeriu Novos Baianos. Seriam "novos" porque vinham depois de Caetano Veloso, Gilberto Gil, Gal Costa, etc.; e "baianos", não só por serem da Bahia, mas como explica o próprio Galvão porque "baianos simboliza alegria, música, balanço e originalidade."⁵ Este fato exemplifica a relação entre o grupo e os meios de comunicação. Alguns, como neste caso, entendiam a proposta do grupo e sabiam traduzir para o público.

A partir de então, os Novos Baianos começaram a ter destaque em diferentes jornais e programas de televisão.

II - OS NOVOS BAIANOS NA MÍDIA

O grupo atingia públicos bem diferentes. Apareciam tanto em programas populares, como Hebe Camargo e Chacrinha, quanto em programas produzidos para uma elite cultural, como o programa de vanguarda de Fernando Faro, na TV Tupi. "Aparecíamos tanto na televisão que, muitas vezes, não conseguíamos assistir a determinadas apresentações de alguns programas, por estarmos naquele momento gravando outro."⁶

O grupo chegou a se apresentar em um programa considerado de baixo nível, mas de grande audiência, o *Quem Tem Medo da Verdade*. A intenção deles era satirizar o programa e seus apresentadores, Carlos Manga e Sílvio Luís. Para isso cantaram a música "As Feras do Manga" e participaram de um "duelo" verbal com os apresentadores conquistando o apoio do público presente. Aqui, pode-se perceber a utilização de elementos do movimento tropicalista, como a paródia.

Nessa época, o grupo foi contratado pelo empresário Marcos Lázaro, que empresariava os mais importantes artistas da área da música no Brasil, entre eles estavam Roberto Carlos, Elis Regina, Jorge Ben e outros. Mas Lázaro não durou muito tempo como empresário do grupo, pois queria colocá-los no mesmo espaço em que colocava os outros artistas do seu *cast*: em clubes. Já o grupo tinha planos de se apresentar em grandes teatros.

Outra divergência entre o grupo e o empresário foi quanto a atuação de Galvão nas apresentações. Galvão não cantava, pois era o compositor do grupo. Lázaro queria que Galvão subisse aos palcos e dublasse, não respeitando as características próprias do grupo, que possuía uma imagem fora dos padrões.

⁵ Luiz Galvão. *Anos 70: Novos e Baianos*, p. 35

⁶ Luiz Galvão. *Anos 70: Novos e Baianos*, p. 37

"De uma hora para outra, resolvemos abandonar todo aquele paraíso que uma infra-estrutura empresarial nos proporcionava, colocando o nosso trabalho no mercado. Trocamos tudo pela trilha de caminhos mais livres para batalharmos nosso objetivo, que estava muito longe daquela prática de shows em clubes, onde éramos bem pagos, mas ficávamos sujeitos a essas apresentações para pessoas bebendo e conversando, sem prestar atenção no que dizíamos, cantávamos ou sentíamos."⁷

Os Novos Baianos recusaram-se, então, a seguir estratégias comerciais, como imperava no mercado fonográfico, com a consolidação da indústria cultural.

A indústria cultural, começou a se consolidar no Brasil na década de 60, promovendo um mercado onde a cultura "passa a ser vista não como instrumento de crítica e conhecimento, mas como produto troável por dinheiro e que deve ser consumido como se consome qualquer outra coisa, (...) produto padronizado, como uma espécie de *kit* para montar, um tipo de pré-confecção feito para atender necessidades e gostos médios de um público que não tem tempo de questionar o que consome. Uma cultura perecível, como qualquer peça de vestuário."⁸

Essa cultura de consumo era claramente nítida no movimento conhecido como Jovem Guarda, que num período politicamente complicado, falava sobre "carros, meninas e rapazes bonitos, laços cor-de-rosa e beijos roubados". A moda, os penteados, os discos também faziam parte do movimento.

Os Novos Baianos, porém, assumiram uma posição de artistas da contracultura, permanecendo fora dos padrões do sistema. Isso não significou, entretanto, a abolição de elementos artísticos da cultura de massa, como será visto no próximo capítulo.

Pela postura que mantinham no comportamento e na arte, os Novos Baianos foram presos algumas vezes. Uma delas foi em um período em que realizavam shows na Bahia. Foram presos pelo esquadrão de Salvador por serem "cabeludos". O delegado Gutemberg, conhecido pelas sessões de tortura que praticava com os presos políticos, ordenou que os cabelos dos integrantes do grupo fossem cortados. A prisão do grupo causou repercussão na imprensa, o que possibilitou a demissão do delegado Gutemberg posteriormente.

Em entrevistas para a imprensa, os Novos Baianos gostavam de conduzir o assunto. Durante uma entrevista para o jornal *Última Hora* uma repórter fez a seguinte pergunta: "Por que Caetano e Gil se venderam?". O grupo encerrou a entrevista no mesmo instante e o jornal enviou outro repórter que publicou tudo o que quiseram divulgar.

⁷ Luiz Galvão. *Anos 70: Novos e Baianos*, p. ?

⁸ Coelho, Teixeira. *O Que É Indústria Cultural?*, pág. 11

Em 1971, os Novos Baianos mudaram-se para uma cobertura na Rua Conde de Iraja em Botafogo, no Rio de Janeiro. Nesta cobertura teve início a vida em comunidade entre os integrantes do grupo, suas famílias e amigos. No prédio onde moravam, tinham como vizinhos Caetano Veloso e Gal Costa, além de sempre receberem visitas de artistas, intelectuais e amigos engajados na luta contra o regime militar. A cobertura tornara-se um local de encontro para manifestação de diversos tipos de arte e cultura, composições de músicas, discussões sobre política, religião, drogas e assuntos ligados à juventude.

Dentro deste contexto compuseram suas músicas influenciados por diversos estilos.

III - A MÚSICA E OS RITMOS DOS NOVOS BAIANOS

A música dos Novos Baianos e sua proposta como grupo artístico tiveram muitas influências. Vivendo em uma época com mudanças radicais no comportamento dos jovens em todo o mundo, os Novos Baianos influenciaram-se pela rebeldia das guitarras, os ritmos elétricos e o discurso anárquico dos Beatles, Jimi Hendrix e Rolling Stones. Significava a contestação aos padrões da sociedade, assim como os cabelos compridos e as roupas hippies.

A inovação e a originalidade do grupo surgia dessa fusão de ritmos da cultura popular brasileira, como o samba, o chorinho e o baão, com ritmos elétricos, como o rock e o pop. Os Novos Baianos, como grupo contestador das normas e valores estabelecidos na sociedade e na própria cultura, queriam mesclar elementos da cultura popular com a cultura pop.

"A cultura popular (entendida classicamente como manifestação folclórica), embora possa ser útil em seu papel de fixação e auto-reconhecimento do indivíduo dentro do grupo, não questiona sequer a si mesma, seus próprios processos e arranjos formais - necessitando por isso, para manter-se dinâmica, da complementação de fontes como a própria cultura pop."⁹

Os Novos Baianos entendiam que negar novos estilos de música e comportamento, mesmo os que partiam da cultura de consumo, significava continuar preso aos modelos do passado e não se adaptar à realidade contemporânea.

Uma união da cultura popular com a cultura pop, contudo, não tinha o objetivo para eles de assimilar a ideologia da indústria cultural, mas apenas utilizá-la como linguagem e veículo mesclados a sua própria cultura.

Todas as formas de expressão artística que o grupo utilizou tiveram o objetivo de propor uma nova forma de pensar e de enfrentar a ditadura. "Nós éramos a resistência de verdade, contra o poder

⁹ Coelho, Teixeira. *O Que É Indústria Cultural?*, pág. 22

militar e contra a tristeza que vinha da esquerda e contaminava toda a música." ¹⁰ Defendiam um combate alegre e libertário contra a ditadura, e não os protestos e militâncias a favor da revolução armada.

Este trabalho "antropofágico" e irreverente resultou em oito discos, ao longo de dez anos de carreira.

O primeiro LP, *Ferro na Boneca*, é considerado tropicalista por apresentar características deste movimento, letras iônicas e ritmos como o tango e o xote.

O segundo disco *Acabou Chorare* (1972) teve como influência o estilo 'bossa-novista' do cantor e compositor João Gilberto, que freqüentava sempre o apartamento em Botafogo, onde se encontravam para tocar e compor músicas e falar sobre arte.

Para Moraes Moreira a chegada de João Gilberto foi o que aconteceu de mais importante para os Novos Baianos. "Ele chegou no momento em que a banda sofria uma influência muito grande do rock. Então ele disse: 'Vocês precisam olhar mais para dentro de si mesmos.' E começou a nos mostrar a música brasileira que a gente não conhecia, nomes como Assis Valente, Ary Barroso, Lupicínio Rodrigues. Isso foi bem na época de *Acabou Chorare*, que é repleto de influências do João Gilberto."

Além da música "Acabou Chorare", o disco traz outros sucessos como: a regravação de "Brasil Pandeiro" de Assis Valente, "Besta é tu", "Tinindo, trincando", "A Menina Dança" e "Preta, Pretinha" que está registrada para a posteridade no Museu da Imagem e do Som como uma das dez músicas mais populares do Brasil.

"No LP 'Acabou Chorare' (...) cavaquinhos e guitarras elétricas convivem pacificamente e (...) apesar da boa repercussão de vendas e do sucesso da canção 'Preta Pretinha' (o disco) não recebe da crítica a atenção devida, como arauto das primeiras mudanças e tentativas de digestão das informações estrangeiras."¹¹

O reconhecimento da importância do disco pela imprensa só foi confirmado 25 anos depois, na edição do dia 25 de agosto de 1997 do *Jornal da Tarde*, em que vários críticos de música votaram nos dez melhores discos da MPB. *Acabou Chorare* foi o segundo mais votado, ficando atrás somente de *Tropicália* (1969).

A regravação de clássicos de Assis Valente, Ary Barroso, Lupicínio Rodrigues e Dorival Caymmi contribuiu para valorizar a cultura popular e aproximar os jovens da época com a música brasileira, pois estavam muito influenciados pelo rock americano.

¹⁰ Moraes Moreira. *O Estado de S.Paulo*, 06/04/97

¹¹ Ana Maria Baiana. *Impostação e assimilação: rock, soul, discoteque*, pág. 41

Em setembro de 1976, o *Jornal de Música e Som* publica reportagem sobre o grupo e destaca: "A condição de sambistas que os Novos Baianos assumiram com o LP *Acabou Chorare* provocou uma revalorização tanto do chorinho como de instrumentos do choro, como o bandolim e o cavaquinho".

O futebol foi um dos elementos da cultura popular brasileira e da vida dos Novos Baianos que foi tema de várias músicas. Eles formavam um time de futebol, o *Novos Baianos F. C.*, adotando este nome para o LP que lançaram em 1973.

O LP contém músicas como "Se não for brasileiro nessa hora", onde a influência do futebol na vida e na música do grupo aparece nitidamente. Neste LP também regravaram a música "O Samba da Minha Terra", de Dorival Caymmi, um samba tocado ao estilo dos Novos Baianos: com guitarras.

No LP seguinte, *Novos Baianos - Alunte* (1974), lançaram outras músicas abordando o futebol, como "Reis da Bola" e "Bolado".

Outro elemento da cultura popular brasileira enriquecido pelos Novos Baianos foi o carnaval. O grupo contribuiu para a consolidação dos trios elétricos nos carnavais da Bahia. O trio elétrico Novos Baianos veio pela admiração que o grupo tinha pelo trio "Dodô e Osmar", criadores do trio elétrico.

Em 1975, Moraes Moreira sai do grupo mas os Novos Baianos ainda gravam mais quatro discos. "Talvez pela falta de Moraes, tivemos que desenvolver a música instrumental e foi aí que surgiu o chorinho dentro do trabalho dos Novos Baianos." ¹²

No quinto LP, *Vamos Pro Mundo* (1974), a música "Na cadência do Samba", de Ataulfo Alves, foi regravada pelo grupo com a típica mistura do samba com o rock.

No LP *Caia Na Estrada e Perigas Ver* (1976), receberam influências de Jaó do Bandolim, Waldir Azevedo e Jackson do Pandeiro. Na regravação da música "Brasileirinho" acrescentaram o acústico e o eletrônico ao chorinho. Também gravaram músicas instrumentais como "Um Bilhete pra Didi" e "Alimente", chorinhos que foram compostos por Jorginho Gomes, irmão de Pepeu Gomes.

Em *Praga de Baiano* (1977) continuaram com as experiências na mistura de ritmos. Destaque para a faixa onde há um 'pout-pourri' das músicas: Refazenda (Gilberto Gil), Frevo da Lyra (Waldir Azevedo/Luís Lyra), Os Mais Doces Bárbaros (Caetano Veloso), Show Me the Way (Peter Frampton), Severina Xique-Xique (João Gonçalves/Genival Lacerda). Nesta faixa é possível perceber uma mistura harmoniosa de diferentes ritmos e estilos musicais.

O último LP *Farol da Barra* (1978) promove a parceria Novos Baianos-Tropicalismo, com a música de mesmo nome composta por Luís Galvão e Caetano Veloso. Neste LP há também a regravação do clássico de Ary Barroso, "Isso Aqui o quê?".

Com oito discos gravados, os Novos Baianos criaram e recriaram músicas que acompanhavam a introdução de instrumentos elétricos na música brasileira, mas sempre valorizando outros instrumentos da cultura popular e regional do Nordeste, como o cavaquinho, o pandeiro, o bandolim e o violão.

IV - A COMUNIDADE ALTERNATIVA E O CINEMA 'NOVO-BAIANO'

Em 1973, os Novos Baianos mudaram-se para um sítio em Jacarepaguá, no Rio de Janeiro, dando sequência à vida em comunidade. Na época, as comunidades hippies estavam no auge nos Estados Unidos. A comunidade dos Novos Baianos foi uma das primeiras no Brasil.

O grupo queria viver em uma nova sociedade com seus próprios valores e regras. Havia funções específicas determinadas para cada morador da comunidade. O dinheiro recebido pelo grupo pertencia a todos e tudo era compartilhado. Esse "sistema de administração" era proposto de modo a não parecer imposição, visto que os músicos queriam fugir dos padrões tradicionais, impostos pela sociedade.

Por ser algo inédito, a comunidade atraiu a atenção da revista *Realidade*, que publicou uma reportagem de quatro páginas, "Uma gente que vive sorrindo - um dia na bucólica comunidade dos Novos Baianos", onde mostrava como era a vida do grupo no sítio, com muitas fotos e um texto narrativo e descritivo:

"...no sítio de Jacarepaguá, zona rural carioca, a 30 quilômetros dos arranha-céus de Copacabana, onde o grupo instalou sua comunidade, a vida é saudável, alegre, razoavelmente disciplinada. A ocupação principal, sempre levada muito a sério, é 'fazer som' - compor e gravar novas canções, criar novos shows. Mas sobra tempo para brincadeiras, conversas de discutível suporte filosófico, o *baba* (futebol) à sombra das árvores, ou receber a visita dos amigos ..."

Os Novos Baianos também participaram de outras artes além da música. Para divulgarem suas propostas e ideias, o grupo criou sua própria mídia: o cinema.

Sob a influência do cineasta Gláuber Rocha, Luiz Galvão dirigiu seis filmes (longas e curtas-metragens): *Lirismo e Sulreal na Rua Brasil*; *Novos Baianos Futebol Clube*; *Farol da Barra*; *Alma de Palhaço*; *Gato, oi, Gato!*; *Lixeiro* e *Gênese 2000*.

Em *Gênese 2000*, Caetano Veloso e Baby Consuelo representaram Adão e Eva no paraíso. A serpente foi interpretada pelo ator e bailarino Gato Félix (hoje produtor musical do grupo).

Novos Baianos Futebol Clube foi produzido por uma TV alemã, o que demonstra que o cinema 'novo-baiano', mesmo fora dos padrões comerciais chamou a atenção da mídia no exterior.

V - FIM E RETOMADA DO GRUPO

Novos Baianos foi um grupo que permaneceu na estrada musical por dez anos.

¹² Luiz Galvão. *Anos 70: Novos e Baianos*, pág. 173

O grupo não tinha o mercado musical como meta e, naquele período, era o mercado musical que determinava o tipo de música que permaneceria nas paradas de sucesso, e por quanto tempo permaneceria.

"Nós sabíamos que o mercado da Música Popular Brasileira não era nossa meta. Nós o tínhamos conquistado quando vendemos 130 mil Lps do Acabou Chorare, mas sentíamos, dentro das gravadoras, grupos condutores do sucesso, o que não interessava a quem fazia um trabalho intuitivo e naturalmente fora de qualquer programação. Era comum alguém dizer: 'Esse ano vai ser da nostalgia'. Cada ano tinha uma preferência por determinado tipo de música, confirmando a nossa análise sobre a condução da música no Brasil. Por isso tudo, sonhávamos com uma saída para apresentar o trabalho, mesmo assim, pensando em voltar; mas aí com uma posição mais sólida. Empresários e gravadoras articularam planos que viabilizaram essa possibilidade. Nada disso se concretizou e tivemos que enfrentar o fato de uma natural separação, emergente das condições de trabalho no país, na área da música." ¹³

O passar dos anos levou ao desgaste natural, com o auxílio do sistema do mercado musical que oferecia vantagens para artistas em carreira solo e, automaticamente, dificultava a permanência de grupos artísticos no meio musical. Um exemplo disso era o fato de que não era permitido que mais de uma música de um mesmo grupo estivesse entre os sucessos do momento. Foi por isso que, num pequeno momento de crise, Baby saiu do grupo para exercer carreira solo, com o objetivo de trabalhar a música "Curto de Véu e Grinalda", onde sua voz se evidenciava.

Com o tempo, o que era previsto aconteceu: os Novos Baianos começaram a seguir carreiras separadas.

Mas 20 anos após a separação, os ex-integrantes dos Novos Baianos começaram a articular os primeiros passos para novos trabalhos em conjunto.

Com um mercado fonográfico industrializado e um contexto social e político diferentes, eles também mudaram a postura em relação ao "sistema".

Em abril de 97, os Novos Baianos se reuniram pela primeira vez no lançamento do livro *Anos 70: Novos e Baianos*, onde a vida e a carreira do grupo é contada por Luís Galvão.

O segundo encontro ocorreu uma semana depois, durante o Festival *Heineken Concerts*, em comemoração ao aniversário de Moraes Moreira.

Em 21 de abril de 1997, o jornal *O Estado de S. Paulo* publica: "O reencontro dos Novos Baianos, depois de mais de 20 anos, rendeu um espetáculo vibrante, irresistível, sem tons nostálgicos. A irreverente alegria de cada um continua intacta, e juntos eles ainda são únicos. "

¹³ Luís Galvão. *Anos 70: Novos e Baianos*, p. 167

Com o sucesso do show, as gravadoras começaram a se interessar em lançar um CD do reencontro do grupo. Nos dias 30 e 31 de maio de 97, os Novos Baianos subiram ao palco novamente e gravaram o CD acústico *Infinito Circular*, que foi lançado em outubro do mesmo ano.

Com o suporte da gravadora *Globo-Polydor*, foram planejadas fortes estratégias de marketing. Contando, dessa vez, com a assessoria de empresas de comunicação, os Novos Baianos tiveram sucesso de público e de crítica. Ganham reportagens nos mais importantes jornais do país: *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo*, *O Globo*, *Jornal do Brasil*, *Jornal da Tarde*, *Diário Popular*, *Folha da Tarde* e outros.

A mídia eletrônica também se interessou em divulgar o retorno dos Novos Baianos. O canal pago Bravo Brasil (TVA e DirectTV) exibiu um documentário contando a trajetória do grupo, com imagens da carreira e do show *Infinito Circular*.

Os jornais publicaram muitos elogios aos músicos e reconheceram a importância do grupo para a Música Popular Brasileira, mas a diferença do comportamento atual em relação à década de 70 foi destacada pelo *Jornal do Brasil* no dia 21 de maio de 97: "...quem vê os saltos altos brilhantes, decote antológico e casaco *tchan* de Baby do Brasil, o blazer negro sobre camisa vermelha de Moraes Moreira, os óculos escuros noturnos e camisa londrina de Pepeu Gomes, a elegância sóbria de Paulinho Boca de Cantor e o blazer azul e roxo de Luís Galvão, logo percebe que o tempo nem pára, nem retrocede."

Moraes Moreira rebate na entrevista: "...para quem se surpreende em ver um Novo Baiano usando telefone celular, fique sabendo de uma coisa: o nosso karma de miséria já foi pago, a gente já ralou a bota para poder chegar aqui."

Os Novos Baianos passaram a afirmar que é possível viver no sistema, se não se puder fugir dele, amando a arte com a mesma intensidade e vivendo a liberdade.

"Nos dias atuais, os membros do grupo reorganizam suas vidas para conviver de acordo com o sistema, porque, de uma certa forma, no período revolucionário vivido pelo grupo, todos se recusavam a seguir as normas determinadas pela invisível direção do sistema e, posteriormente, tiveram que pagar em dólar as consequências das atitudes revolucionárias assumidas".¹⁴

As músicas também ganharam novas influências, mas os músicos não perderam o velho estilo que inovou a MPB. Em *Infinito Circular*, com regravações de antigos sucessos e oito canções novas, os Novos Baianos admitiram ter recebido influências de novos artistas como o grupo Paralamas do Sucesso e o movimento Mangue Beat. É como um círculo infinito mesmo. Vários grupos dos anos 80 e 90 seguiram

¹⁴ Luiz Galvão. *Anos 70: Novos e Baianos*, p. 251

por uma estrada em que fomos uma espécie de desbravadores. Agora, eles também nos influenciam", disse Pepeu Gomes em entrevista ao *Jornal do Brasil*.

O último disco traz, como é próprio do grupo, mistura de variados ritmos. Ciranda, maracatu, frevo, reggae, e funk são os novos estilos explorados pelo grupo. Mas em inúmeros depoimentos, os Novos Baianos garantem: suas idéias ainda permanecem as mesmas.

"Nossa idéia era mostrar que Assis Valente era legal, que tocar cavaquinho era legal, que cantar frevo e samba era legal, e era mesmo", disse Moraes em entrevista ao jornal *O Estado de S. Paulo* em 16 de abril de 1997.

CONCLUSÃO

A partir dessa pesquisa, pode-se observar que os Novos Baianos procuravam fugir do roteiro comercial traçado pelos empresários artísticos. Estavam fora dos padrões da indústria cultural que surgia na década de 60 e gerenciavam a própria carreira sem se importar com o dinheiro. O comportamento, o discurso, as roupas, a imagem, a música traduzia no Brasil o que estava acontecendo com a juventude no mundo inteiro. Negaram a forma de vida e os valores da sociedade da época e constituíram a sua própria comunidade.

Por isso, foram originais e diferentes de outros músicos, grupos e movimentos musicais. A partir da mistura de várias influências e estilos construíram uma identidade própria.

Mesmo indo na contramão das gravadoras, ultrapassaram cem mil cópias vendidas do LP *Acabou Chorare* em 1972. Isso aponta que a criatividade também faz sucesso, independente do desejo comercial padronizado da indústria cultural.

A comunidade "novobaiana" viveu a fundo todos os fatos que marcaram os conturbados anos 70 e influenciaram a juventude que os acompanhava.

Hoje, a música brasileira exhibe movimentos como o "Mangue Beat", grupos como Nação Zumbi, Mundo Livre S.A., Raimundos e músicos como o pernambucano Otto e o baiano Carlinhos Brown, que promovem a moderna mistura de ritmos nordestinos com ritmos elétricos e eletrônicos.

Pode-se observar também que os Novos Baianos foram fontes de inspiração para esses e outros grupos e músicos da atualidade. Eles podem ser considerados os "patriarcas" da música pop realizada nos anos 90, que se caracteriza pelas combinações entre ritmos folclóricos, samba, guitarras, samples, hip-hop e funk.

A valorização de instrumentos regionais e o resgate de compositores como Assis Valente, Jackson do Pandeiro e outros foram importantes contribuições do grupo para a Música Popular Brasileira.

A introdução de guitarras e instrumentos elétricos na música brasileira gerou muitas críticas por parte de músicos conservadores. Os Novos Baianos, juntamente com outros grupos como os Mutantes e os músicos do Tropicalismo, eliminaram este preconceito e criaram uma união consciente da cultura pop com a cultura popular regional.

Assim, o pop deixou de ser visto apenas como referência consumista e passou a ser uma linguagem de criação musical a ser incorporada e transformada.

Mesmo com todos os avanços conquistados nas décadas de 80 e 90 quanto à liberdade, à democracia e ao comportamento social, o estilo de vida dos Novos Baianos ainda permanece único.

BIBLIOGRAFIA

BAHIANA, Ana Maria. *Importação e assimilação: rock, soul, discoteque.*

CALDAS, Waldenyr. *Iniciação à Música Popular Brasileira.* 2ª ed. São Paulo: Ática, 1990.

GALVÃO, Luiz. *Anos 70: Novos e Baianos.* 1ª ed. São Paulo: Ed. 34, 1997. 288 p. (Coleção Ouvido Musical). ISBN 85-7326-055-6.